

ORDEM^a

Copyright © 2020 by Daniel Silva

All rights reserved.

Título original: *The Order*

Copyright de tradução © 2021 por HarperCollins Brasil

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Thaís Lima*

Preparação de original: *André Sequeira*

Revisão: *Marcela Ramos*

Capa: *Milan Bozic*

Imagem de capa: *Nigel Cox*

Adaptação de capa: *Osmane Garcia Filho*

Diagramação: *Abreu's System*

Produção de ebook: *S2 Books*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Silva, Daniel

A ordem / Daniel Silva ; tradução Laura Folgueira. – 1. ed. – Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins Brasil, 2021.
432 p.

Título original: *The order*
ISBN 978-65-5511-112-5

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana I. Título.

21-54386

CDD: 813

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

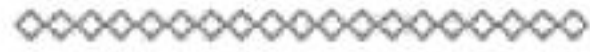
Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

Parte Um



INTERREGNO

A ligação chegou às 23h42. Luigi Donati hesitou antes de atendê-la. O número na tela de seu *telefonino* era de Albanese. Só havia um motivo para ele ligar numa hora daquelas.

— Onde está, Excelência?

— Fora dos muros.

— Ah, sim. É quinta-feira, não?

— Algum problema?

— Melhor não dizer muito ao telefone. Nunca se sabe quem pode estar ouvindo.

A noite em que recebeu Donati era úmida e fria. Ele estava vestindo uma batina preta e colarinho romano, não a sotaina com borda púrpura e mozeta que usava no escritório — nome pelo qual os homens de sua hierarquia eclesiástica se referiam ao Palácio Apostólico. Como arcebispo, Donati era secretário particular do papa Paulo VII. Alto e esguio, com cabelo escuro volumoso e traços de estrela de cinema, ele tinha recentemente comemorado seu 63º aniversário. A idade não tinha conseguido diminuir em nada sua beleza. A revista *Vanity Fair* recentemente o tinha apelidado de “Lindo Luigi”. A reportagem lhe tinha causado uma humilhação sem fim dentro do mundo maledicente da cúria. Ainda assim, dada a merecida reputação de Donati de ser implacável,

ninguém ousara mencionar isso na sua frente. Ninguém exceto o próprio Santo Padre, que o provocara sem dó.

Melhor não dizer muito ao telefone...

Donati estava se preparando para este momento havia um ano ou mais, desde o primeiro infarto leve, que escondera do resto do mundo e até da maioria da cúria. Mas por que aquela noite, dentre tantas?

A rua estava estranhamente silenciosa. Mortalmente silenciosa, pensou Donati, de repente. Era uma avenida ladeada de *palazzi* transversal à Via Veneto, o tipo de lugar onde um padre raramente punha os pés — em especial, um padre educado e treinado pela Sociedade de Jesus, a ordem intelectualmente rigorosa e, por vezes, rebelde à qual Donati pertencia. Seu carro oficial do Vaticano, com placa do SCV, esperava na calçada. O motorista era do Corpo da Gendarmaria, força policial de 130 membros do Vaticano. Ele atravessou Roma na direção oeste num ritmo desapressado.

Ele não sabe...

Em seu celular, Donati escaneou os sites dos principais jornais italianos. Nada sabiam, assim como seus colegas em Londres e Nova York.

— Ligue o rádio, Gianni.

— Música, Excelência?

— Notícias, por favor.

Mais conversa fiada de Saviano, outra arenga sobre como imigrantes árabes e africanos estavam destruindo o país, como se os italianos não fossem mais do que capazes de bagunçarem tudo sozinhos. Saviano estava havia meses atormentando o Vaticano atrás de uma audiência particular com o Santo Padre. Donati, com um prazer razoável, recusava-se a conceder.

— Já é o suficiente, Gianni.

O rádio ficou abençoadamente em silêncio. Donati olhou pela janela do sedã alemão de luxo. Não era maneira de um Soldado de Cristo se locomover. Ele supunha que seria sua última jornada por Roma de limusine com chofer. Por quase duas décadas, servira como uma espécie de chefe de gabinete da Igreja Católica Romana. Fora uma época tumultuosa — um ataque terrorista à Basílica de São Pedro, um escândalo envolvendo antiguidades e os Museus Vaticanos, o flagelo dos abusos sexuais por parte

de sacerdotes —, e, ainda assim, Donati saboreara cada minuto. Agora, num piscar de olhos, tinha acabado. Ele era de novo um mero sacerdote. Nunca tinha se sentido mais sozinho.

O carro cruzou o Tibre e virou na Via della Conciliazione, o amplo boulevard que Mussolini talhara atravessando as favelas de Roma. O domo iluminado da basílica, restaurado a sua glória original, avultava ao longe. Eles seguiram a curva da Colunata de Bernini até a Porta de Santa Ana, onde um guarda suíço acenou para entrarem no território da cidade-estado. O homem estava em seu uniforme noturno: uma túnica azul com um colarinho branco de estudante, meias até o joelho, boina preta, uma capa para proteger do frio da noite. Seus olhos estavam secos, o rosto, imperturbável.

Ele não sabe...

O carro subiu lentamente a Via Sant'Anna — passando pela Guarda Suíça, a Igreja de Santa Ana, a Tipografia Vaticana e o Banco do Vaticano — antes de parar perto de uma passagem em arco que levava ao Pátio de São Dâmaso. Donati cruzou os paralelepípedos a pé, entrou no elevador mais importante de toda a cristandade e subiu ao terceiro andar do Palácio Apostólico. Andou apressado pela *loggia*, uma parede de vidro de um lado, um afresco do outro. Uma virada à esquerda o levou aos apartamentos papais.

Outro guarda suíço, este com o uniforme formal completo, estava a postos como uma vareta em frente à porta. Donati passou por ele sem uma palavra e entrou. Quinta-feira, ele pensou. Por que precisava ser uma quinta-feira?

Dezoito anos, pensou Donati ao analisar o escritório particular do Santo Padre, e nada havia mudado. Apenas o telefone. Donati finalmente convencera o Santo Padre a substituir o antigo aparelho giratório de Wojtyła por um moderno com várias linhas. Fora isso, a sala estava exatamente como deixada pelo polonês. A mesma mesa de madeira austera. A mesma cadeira bege. O mesmo tapete oriental gasto. O mesmo relógio e crucifixo dourados. Até o conjunto de mata-borrão e caneta que pertencera

a Wojtyła, o Grande. Apesar de todo o potencial do início de seu papado — a promessa de uma Igreja mais gentil, menos repressora —, Pietro Lucchesi nunca escapara totalmente da longa sombra de seu predecessor.

Donati, por algum instinto, marcou o horário em seu relógio de pulso. Era 00h07. O Santo Padre havia se retirado para o escritório, naquela noite, às 20h30, para noventa minutos de leitura e escrita. Em geral, Donati permanecia ao lado de seu mestre ou logo no fim do corredor, em seu próprio escritório. Mas, como era quinta-feira, a única noite da semana que tinha para si, ele só ficara até as nove.

Faça-me um favor antes de ir, Luigi...

Lucchesi pedira para Donati abrir as cortinas pesadas que cobriam a janela do escritório. Era a mesma janela de onde o Santo Padre rezava o Angelus todo domingo, ao meio-dia. Donati tinha obedecido ao pedido de seu mestre. Tinha aberto até as venezianas, para Sua Santidade poder olhar a Praça de São Pedro enquanto labutava na burocracia curial. Agora, as cortinas estavam firmemente fechadas. Donati as moveu para o lado. As venezianas também estavam fechadas.

A escrivaninha estava organizada, não a bagunça de sempre de Lucchesi. Havia uma xícara de chá pela metade, uma colher apoiada no pires, que não estava lá quando Donati saíra. Vários documentos em arquivos de cor parda estavam empilhados organizadamente embaixo da velha luminária retrátil. Um relatório da Arquidiocese da Filadélfia sobre as consequências financeiras do escândalo de abuso. Comentários para a Audiência Geral da próxima quarta-feira. O primeiro esboço de uma homília para uma iminente visita papal ao Brasil. Anotações para uma encíclica sobre imigração que com certeza irritaria Saviano e seus demais colegas da extrema direita italiana.

Estava faltando, porém, um item.

Você vai se certificar de que chegará a ele, não vai, Luigi?

Donati checkou o cesto de papéis. Estava vazio. Nem um pedacinho de papel.

— Está procurando algo, Excelência?

Donati levantou o olhar e viu o cardeal Domenico Albanese na porta. Albanese era calabrés de nascimento e criatura da cúria de profissão. Tivera

várias posições sêniores na Santa Sé, incluindo presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-Religioso e arquivista e bibliotecário da Santa Igreja Romana. Nada disso, porém, explicava sua presença nos apartamentos papais sete minutos após a meia-noite. Domenico Albanese era o camerlengo. Era responsabilidade inteiramente sua emitir a declaração formal de que o trono de São Pedro estava vago.

— Onde ele está? — quis saber Donati.

— No reino dos céus — entoou o cardeal.

— E o corpo?

Se Albanese não tivesse ouvido o chamado sagrado, podia ter escolhido mover placas de mármore ou carregar carcaças num abatedouro calabrés como profissão. Donati o seguiu por um corredor curto até o quarto. Outros três cardeais esperavam à meia-luz: Marcel Gaubert, José Maria Navarro e Angelo Francona. Gaubert era secretário de estado, efetivamente o primeiro-ministro e diplomata-chefe do menor país do mundo. Navarro era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, guardião da ortodoxia católica, defensor contra a heresia. Francona, o mais velho dos três, era decano do Colégio Cardinalício. Sendo assim, presidiria o próximo conclave.

Foi Navarro, espanhol de linhagem nobre, que se dirigiu primeiro a Donati. Embora morasse e trabalhasse em Roma havia quase um quarto de século, ainda falava italiano com um forte sotaque castelhano.

— Luigi, sei como isso lhe deve ser doloroso. Éramos servos fiéis dele, mas era você quem ele mais amava.

O cardeal Gaubert, um parisiense magro com rosto felino, assentiu em concordância profunda com o clichê curial do espanhol, assim como os três laicos à sombra no canto do quarto: o dr. Octavio Gallo, médico pessoal do Santo Padre; Lorenzo Vitale, chefe do Corpo da Gendarmaria; e o coronel Alois Metzler, comandante da Guarda Suíça Pontifícia. Donati, parecia, tinha sido o último a chegar. Era ele, secretário particular, que deveria ter convocado os príncipes sêniores da Igreja à cabeceira do papa morto, não o camerlengo. De repente, ele foi tomado pela culpa.

Mas quando Donati baixou os olhos para a figura estirada na cama, sua culpa deu lugar a um luto avassalador. Lucchesi ainda estava usando sua

batina branca, embora suas sapatilhas tivessem sido removidas e seu solidéu não estivesse à vista. Alguém tinha colocado as mãos dele sobre o peito. Estavam agarradas ao seu rosário. Os olhos estavam fechados, a mandíbula, frouxa, mas não havia evidência de dor em seu rosto, nada que sugerisse que ele tivesse sofrido. Donati, aliás, não ficaria surpreso se Sua Santidade acordasse de repente e perguntasse como estava a noite dele.

Ele ainda estava usando sua batina branca...

Donati fora o guardião da agenda do Santo Padre desde o primeiro dia de seu pontificado. A rotina noturna raramente variava. Jantar das sete às oito e meia. Burocracia no escritório das oito e meia às dez, seguida por quinze minutos de oração e reflexão em sua capela particular. Em geral, ele estava na cama às dez e meia, quase sempre com um romance inglês de espionagem, seu prazer secreto. *Armadilhas e desejos*, de P.D. James, estava na mesa de cabeceira, sob os óculos de leitura do papa. Donati o abriu na página marcada.

Quarenta e cinco minutos depois, Rickards estava de volta à cena do crime...

Donati fechou o livro. O Sumo Pontífice, imaginou ele, estava morto havia quase duas horas, talvez mais. Calmamente, ele perguntou:

— Quem o encontrou? Espero que não tenha sido uma das freiras domésticas.

— Fui eu — respondeu o cardeal Albanese

— Onde ele estava?

— Sua Santidade deixou esta vida na capela. Descobri-o alguns minutos após as dez. Quanto ao horário exato de seu falecimento... — O calabrés levantou os ombros pesados. — Não sei dizer, Excelência.

— Por que não fui chamado imediatamente?

— Procurei pelo senhor por toda parte.

— Deveria ter ligado para meu celular.

— Liguei. Várias vezes, aliás. Ninguém atendeu.

O camerlengo, pensou Donati, não estava falando a verdade.

— E o que estava fazendo na capela, Eminência?

— Isto está começando a soar como uma inquisição. — O olhar de Albanese dirigiu-se brevemente para o cardeal Navarro, antes de repousar de novo em Donati.

— Sua Santidade me pediu para orar com ele. Aceitei o convite.

— Ele lhe telefonou diretamente?

— Ao meu apartamento — disse o camerlengo, com um aceno.

— A que horas?

Albanese ergueu o olhar para teto, como se tentando lembrar um detalhe insignificante que lhe tivesse fugido.

— Nove e quinze. Talvez nove e vinte. Ele me pediu para vir alguns minutos depois das dez. Quando cheguei...

Donati baixou o olhar para o homem estendido sem vida na cama.

— E como ele chegou até aqui?

— Eu o carreguei.

— Sozinho?

— Sua Santidade carregava o peso da Igreja nos ombros — disse Albanese —, mas, na morte, era leve como uma pena. Como não consegui encontrá-lo, convoquei o secretário de estado, que, por sua vez, ligou para os cardeais Navarro e Francona. Então, chamei o *dottore* Gallo, que fez o pronunciamento. Morte por infarto fulminante. O segundo infarto, certo? Ou o terceiro?

Donati olhou para o médico papal.

— A que horas o senhor fez a declaração, *dottore* Gallo?

— Onze e dez, Excelência.

O cardeal Albanese pigarreou suavemente.

— Fiz um pequeno ajuste à linha do tempo em minha declaração oficial. Se desejar, Luigi, posso dizer que foi você que o encontrou.

— Não será necessário.

Donati ficou de joelhos ao lado da cama. Em vida, o Santo Padre tinha sido franzino. A morte o diminuía ainda mais. Donati lembrava do dia em que o conclave inesperadamente escolhera Lucchesi, Patriarca de Veneza, para ser o 265º Sumo Pontífice da Igreja Católica Romana. Na Sala das Lágrimas, Lucchesi escolhera a menor das três batinas prontas. Ainda assim, ficara parecendo um garotinho vestindo a camisa do pai. Ao sair no balcão da Basílica de São Pedro, sua cabeça mal ficava visível acima da balaustrada. Os *vaticanisti* o batizaram de Pietro, o Improvável. Os linhas-duras da Igreja se referiam a ele pejorativamente como Papa Acidental.

Após um momento, Donati sentiu um toque no ombro. Era como chumbo. Portanto, devia ser Albanese.

— O anel, Excelência.

Outrora fora responsabilidade do camerlengo destruir o Anel do Pescador de um papa morto na presença do Colégio Cardinalício. Mas assim como as três batidas na testa papal com um martelo de prata, a prática tinha sido deixada de lado. O anel de Lucchesi, que ele raramente usava, seria meramente marcado com dois cortes profundos no sinal da cruz. Outras tradições, porém, continuavam válidas, como o fechamento com tranca e vedação imediatos dos apartamentos papais. Até Donati, único secretário particular de Lucchesi, seria impedido de entrar quando o corpo fosse removido.

Ainda de joelhos, Donati abriu a gaveta da mesa de cabeceira e pegou o pesado anel de ouro. Entregou-o ao cardeal Albanese, que o colocou numa bolsinha de veludo. Solenemente, declarou:

— *Sede vacante*.

O trono de São Pedro estava vazio. A Constituição Apostólica ditava que o cardeal Albanese servisse como cuidador temporário da Igreja Católica Romana durante o interregno, que acabava com a eleição de um novo papa. Donati, mero arcebispo titular, não teria voz nessa questão. Na verdade, agora que seu mestre tinha partido, ele estava sem status nem poder, prestando contas apenas ao camerlengo.

— Quando pretende fazer o anúncio? — perguntou Donati.

— Estava esperando você chegar.

— Posso revisá-lo.

— Não temos tempo a perder. Se demorarmos mais...

— É claro, Eminência. — Donati colocou a mão em cima da de Lucchesi. Já estava fria. — Gostaria de um momento a sós com ele.

— Um momento — disse o camerlengo.

O quarto lentamente se esvaziou. O cardeal Albanese foi o último a sair.

— Diga-me uma coisa, Domenico.

O camerlengo parou na porta.

— Excelência?

— Quem fechou as cortinas do escritório?

— As cortinas?

— Estavam abertas quando saí, às nove. As venezianas também.

— Eu as fechei, Excelência. Não queria que ninguém na praça visse luzes acesas nos apartamentos tão tarde.

— Sim, é claro. Foi sábio de sua parte, Domenico.

O camerlengo saiu, deixando a porta aberta. Sozinho com seu mestre, Donati lutou contra as lágrimas. Haveria tempo para o luto depois. Ele se inclinou perto da orelha de Lucchesi e gentilmente apertou a mão gelada.

— Fale comigo, velho amigo — sussurrou. — Conte-me o que realmente aconteceu aqui hoje.

Foi Chiara quem informou em segredo ao primeiro-ministro que o marido dela estava precisando desesperadamente de umas férias. Desde que, relutante, se acomodara na suíte executiva do Boulevard Rei Saul, ele mal se permitira uma tarde de folga, apenas alguns dias de convalescência após o bombardeio em Paris responsável por fraturar duas vértebras na lombar. Ainda assim, não era algo a ser encarado de forma leviana. Gabriel precisava de uma rede de comunicação segura e, mais importante, segurança pesada, assim como Chiara e os gêmeos. Irene e Raphael logo comemorariam seu quarto aniversário. A ameaça contra a família Allon era tão imensa que eles nunca tinham posto os pés fora do estado de Israel.

Mas para onde iriam? Uma viagem exótica a um destino distante não era uma opção. Eles teriam de permanecer razoavelmente perto de Israel para que Gabriel, no caso muito provável de emergência nacional, pudesse estar de volta ao Boulevard Rei Saul em questão de horas. Não havia, no futuro deles, safári sul-africano nem viagens à Austrália e a Galápagos. Provavelmente, era melhor assim; Gabriel tinha uma relação conturbada com animais selvagens. Além do mais, a última coisa que Chiara desejava era exauri-lo com mais um voo longo. Como diretor-geral do Escritório, ele vivia indo a Washington para reuniões com seus parceiros norte-americanos em Langley. O que ele precisava era de descanso.

Por outro lado, lazer não era algo natural para ele. Era um homem de enorme talento, mas poucos hobbies. Não andava de esqui nem fazia snorkel, e nunca empunhara um taco de golfe ou uma raquete de tênis, exceto para usar como arma. Praias o entediavam, a não ser que fossem geladas e varridas pelo vento. Gostava de velejar, em especial nas desafiadoras águas do oeste da Inglaterra ou de colocar uma mochila nas costas e atravessar um pântano estéril. Nem Chiara, agente de campo aposentada do Escritório, era capaz de igualar o ritmo alucinante dele por mais de dois ou três quilômetros. As crianças com certeza iriam definhar.

O truque seria achar algo para Gabriel *fazer* enquanto estivessem de férias, um pequeno projeto que pudesse ocupá-lo por algumas horas a cada manhã até as crianças estarem acordadas, vestidas e prontas para começar seu dia. E se esse projeto pudesse ser executado numa cidade em que ele já se sentisse confortável? A cidade onde tinha estudado a arte da restauração de arte e cumprido seu aprendizado? A cidade onde ele e Chiara tinham se conhecido e se apaixonado? Era a cidade natal dela, e seu pai trabalhava como rabino-chefe da comunidade judaica cada vez menor. Além disso, a mãe dela a importunava para levar as crianças para uma visita. Seria perfeito, pensou. O proverbial dois coelhos com uma cajadada só.

Mas quando? Agosto estava fora de cogitação. Era quente e úmido demais, e a cidade estaria submersa por um mar de turistas em excursão, hordas tiradoras de selfie seguindo guias e rosnando pela cidade toda por uma ou duas horas antes de engolir um cappuccino caro demais no Caffè Florian e voltar a seus navios de cruzeiro. Mas se esperassem até, digamos, novembro, o clima estaria fresco e limpo, e eles teriam o *sestiere* só para si. Isso lhes daria uma chance de ponderar seu futuro sem a distração do Escritório ou da vida cotidiana em Israel. Gabriel informara ao primeiro-ministro que só cumpriria um mandato. Não era cedo demais para começar a pensar sobre como iam passar o resto de sua vida e onde iam criar os filhos. O tempo não dá trégua para ninguém, muito menos para Gabriel.

Ela não o informou de seus planos, pois isso só geraria um longo discurso sobre os motivos por que o estado de Israel entraria em colapso se ele tirasse um único dia de folga do trabalho. Em vez disso, ela conspirou com Uzi Navot, vice-diretor, para escolher a data. A Governança, divisão

do Escritório que adquiria e administrava propriedades seguras, cuidou das acomodações. A polícia local e os serviços de inteligência, de quem Gabriel era muito próximo, concordaram em cuidar da segurança.

Só faltava o projeto para manter Gabriel ocupado. No fim de outubro, Chiara ligou para Francesco Tiepolo, dono da firma de restauração mais proeminente da região.

— Tenho algo ideal. Vou mandar uma foto por e-mail.

Três semanas depois, após uma reunião especialmente litigiosa do rebelde Gabinete de Israel, Gabriel voltou para casa e encontrou as malas da família Allon feitas.

— Você vai me abandonar?

— Não — disse Chiara. — Vamos sair de férias. Todos nós.

— Não posso, de forma alguma...

— Está resolvido, querido.

— Uzi sabe?

Chiara fez que sim.

— E o primeiro-ministro também.

— Para onde vamos? E por quanto tempo?

Ela respondeu.

— O que eu vou fazer por duas semanas?

Chiara entregou a fotografia a ele.

— Não dará tempo para eu terminar.

— Você vai fazer o máximo que conseguir.

— E deixar outra pessoa pôr as mãos no meu trabalho?

— Não vai ser o fim do mundo.

— Nunca se sabe, Chiara. Pode muito bem ser.

O apartamento ocupava o *piano nobile* de um antigo *palazzo* caindo aos pedaços em Cannaregio, o mais ao norte dos seis *sestieri* tradicionais de Veneza. Tinha um grande salão, uma cozinha ampla cheia de eletrodomésticos modernos e um terraço com vista para o rio della Misericórdia. Em um dos quatro quartos, a Governança montara um link seguro com o Boulevard Rei Saul, incluindo uma estrutura de tenda — no

jargão do Escritório, era uma *chupá* — que permitia que Gabriel falasse ao telefone sem medo de escutas eletrônicas. Oficiais carabineiros à paisana montavam guarda do lado de fora, na Fondamenta dei Ormesini. Com o consentimento deles, Gabriel levava um revólver Beretta 9 mm. Chiara, que atirava muito melhor que ele, também.

A alguns passos ao longo da barragem, havia uma ponte de ferro — a única em Veneza — e, do outro lado do canal, uma praça ampla chamada Campo di Ghetto Nuovo. Havia um museu, uma livraria e os escritórios da comunidade judaica. A Casa Israelitica di Riposo, uma casa de repouso para idosos, ocupava o flanco norte. Ao lado dela, um memorial austero em baixo relevo aos judeus de Veneza que, em dezembro de 1943, foram capturados, enviados a campos de concentração e, depois, assassinados em Auschwitz. Dois carabineiros fortemente armados em um quiosque fortificado guardavam o memorial. Das 250 mil pessoas que ainda chamavam de lar aquelas ilhas naufragantes, só os judeus exigiam proteção policial em tempo integral.

Os prédios residenciais que ladeavam o *campo* eram os mais altos de Veneza, pois, na Idade Média, seus ocupantes eram proibidos pela Igreja de residir em qualquer outro lugar da cidade. Os andares superiores de vários dos prédios abrigavam pequenas sinagogas, meticulosamente restauradas, que outrora serviam às comunidades de judeus asquenazes e sefarditas que habitavam os andares de baixo. As duas sinagogas operantes do gueto eram localizadas logo ao sul do *campo*. Ambas eram clandestinas; não havia nada na aparência externa para sugerir que eram casas de culto judeu. A Sinagoga Espanhola fora fundada pelos ancestrais de Chiara em 1580. Sem calefação, ficava aberta da Páscoa aos dias santos de Rosh Hashaná e Yom Kippur. A Sinagoga Levantina, localizada ao fundo de uma minúscula praça, atendia a comunidade no inverno.

O rabino Jacob Zolli e sua esposa, Alessia, moravam virando a esquina da Sinagoga Levantina, numa casinha estreita com vista para uma *corte* isolada. A família Allon jantou lá na noite de segunda-feira, algumas horas após sua chegada a Veneza. Gabriel conseguiu checar seu telefone só quatro vezes.

— Espero que não sejam problemas — disse o rabino Zolli.

— O de sempre — murmurou Gabriel.

— Fico aliviado.

— Não fique.

O rabino riu baixinho. Seu olhar aprovador moveu-se pela mesa, detendo-se brevemente em seus dois netos, sua esposa e, finalmente, sua filha. A luz das velas brilhava nos olhos dela. Eram cor de caramelo e salpicados de dourado.

— Chiara nunca esteve mais radiante. Você obviamente a fez muito feliz.

— Será que fiz, mesmo?

— Definitivamente, houve obstáculos no caminho. — O tom do rabino era admonitório. — Mas garanto que ela se considera a pessoa mais sortuda do mundo.

— Na verdade, essa honra pertence a mim.

— Dizem os boatos que ela o enganou sobre os planos de viagem.

Gabriel franziu o cenho.

— Com certeza, há uma proibição contra esse tipo de coisa na Torá.

— Não me lembro de nenhuma.

— Provavelmente, foi melhor assim — admitiu Gabriel. — Duvido que eu tivesse concordado de outra forma.

— Fico feliz por vocês finalmente terem conseguido trazer as crianças a Veneza. Mas, infelizmente, vieram numa época difícil. — O rabino Zolli baixou a voz. — Saviano e seus amigos da extrema direita despertaram forças sombrias na Europa.

Giuseppe Saviano era o primeiro-ministro italiano. Era xenófobo, intolerante, questionava a liberdade de imprensa e tinha pouca paciência para delicadezas como a democracia parlamentar ou o estado de direito. Assim como seu amigo íntimo Jörg Kaufmann, neofascista em ascensão, que se tornara chanceler da Áustria. Na França, supunha-se abertamente que Cécile Leclerc, líder da Frente Popular, seria a próxima ocupante do Palácio do Eliseu. Os Nacionais-Democratas da Alemanha, liderados por um ex-skinhead neonazista chamado Axel Brünner, estavam bem posicionados para terminar em segundo na eleição geral de janeiro. Por todo lugar, parecia, a extrema direita estava crescendo.

Sua ascensão na Europa Ocidental tinha sido alimentada pela globalização, incerteza econômica e rápida mudança demográfica do continente. Os muçulmanos atualmente eram cinco por cento da população europeia. Um número cada vez maior de europeus nativos considerava o Islã uma ameaça existencial à sua identidade religiosa e cultural. A raiva e o ressentimento, antes contidos ou escondidos do público, corriam pelas veias da internet como um vírus. Ataques a muçulmanos tinham crescido exponencialmente. Os ataques físicos e atos de vandalismo contra judeus também. De fato, o antissemitismo na Europa chegara a um nível não visto desde a Segunda Guerra Mundial.

— Nosso cemitério no Lido foi vandalizado de novo na semana passada — disse o rabino Zolli. — Lápides reviradas, suásticas... o de sempre. Meus congregantes estão assustados. Tento consolá-los, mas eu também estou. Políticos anti-imigração como Saviano chacoalharam a garrafa e arrancaram a rolha. Seus partidários reclamam dos refugiados do Oriente Médio e da África, mas somos nós que eles mais desprezam. É o ódio mais duradouro. Aqui na Itália já não é malvisto ser antissemita. Podem deixar o desprezo por nós bem às claras. E os resultados foram inteiramente previsíveis.

— A tempestade passará — disse Gabriel, com pouca convicção.

— Seus avós provavelmente disseram o mesmo. Os judeus de Veneza também. Sua mãe conseguiu sair de Auschwitz viva. Os judeus de Veneza não tiveram tanta sorte. — O rabino Zolli fez que não. — Já vi esse filme, Gabriel. Sei como acaba. Nunca esqueça, o inimaginável pode acontecer. Mas não vamos estragar esta noite com conversas desagradáveis. Quero curtir a companhia de meus netos.

Na manhã seguinte, Gabriel acordou cedo e passou algumas horas sob o abrigo da *chupá* conversando com sua equipe sênior no Boulevard Rei Saul. Depois, contratou uma lancha e levou Chiara e as crianças num passeio pela cidade e as ilhas da lagoa. Estava frio demais para nadar no Lido, mas as crianças tiraram os sapatos e perseguiram gaivotas e andorinhas-do-mar pela praia. Voltando a Cannaregio, eles pararam na Igreja de San Sebastiano, em Dorsoduro, para ver a *Virgem e o menino em glória com santos*, que Gabriel restaurara durante a gravidez de Chiara. Depois, com a luz de outono caindo no Campo di Ghetto Nuovo, as crianças participaram de um

barulhento pega-pega, enquanto Gabriel e Chiara assistiam, sentados num banco de madeira em frente, à Casa Israelitica di Riposo.

— Este talvez seja meu banco favorito no mundo — disse Chiara. — É onde você estava sentado no dia em que caiu em si e me implorou para voltarmos. Lembra, Gabriel? Foi depois do ataque ao Vaticano.

— Não sei o que foi pior. As granadas lançadas por foguete e os homens-bomba ou a forma como você me tratou.

— Você merecia, besta. Eu nunca deveria ter concordado em ver você de novo.

— E agora nossos filhos estão brincando no *campo* — disse Gabriel.

Chiara lançou um olhar ao posto dos carabinieri.

— Protegidos por homens com armas.

No dia seguinte, quarta-feira, Gabriel saiu de fininho do apartamento depois de suas ligações matutinas e, com uma maleta de madeira polida embaixo do braço, caminhou até a igreja de Madonna dell'Orto. A nave estava na penumbra, e andaimes escondiam os arcos pontudos de moldura dupla dos corredores laterais. A igreja não tinha transepto, mas na parte de trás havia uma abside de cinco lados contendo o túmulo de Jacopo Robusti, mais conhecido como Tintoretto. Foi lá que Gabriel encontrou Francesco Tiepolo. Era um homem enorme, com porte de urso e uma barba emaranhada cinza e preta. Como sempre, estava vestido com uma túnica branca fluida e um cachecol amarrado de forma extravagante no pescoço.

Ele deu um abraço apertado em Gabriel.

— Eu sempre soube que você voltaria.

— Estou de férias, Francesco. Não se empolgue.

Tiepolo acenou a mão como se tentando afugentar os pombos da Piazza di San Marco.

— Hoje, está de férias, mas um dia morrerá em Veneza. — Ele baixou o olhar para o túmulo. — Imagino que teremos de enterrá-lo em algum lugar que não uma igreja, não é?

Tintoretto produziu dez quadros para a igreja entre 1552 e 1569, incluindo *Apresentação da Virgem Maria no templo*, pendurado do lado direito da nave. A tela enorme, de 480 por 429 centímetros, estava entre suas obras-primas. A primeira fase da restauração, a remoção do verniz

descolorido, estava finalizada. Só faltava o reentelamento, o retoque das partes da tela perdidas devido ao tempo e às tensões. Seria uma tarefa monumental. Gabriel imaginava que um restaurador sozinho levaria um ano, se não mais.

— Que pobre alma removeu o verniz? Espero que tenha sido Antonio Politi.

— Foi Paulina, a menina nova. Ela queria observar você enquanto trabalha.

— Imagino que tenha tirado essa ideia da cabeça dela.

— De maneira absolutamente clara. Ela disse que você pode ficar com a parte do quadro que quiser, menos a Virgem.

Gabriel olhou até as partes mais altas da tela imponente. Miriam, filha de três anos de Joachim e Anne, judeus de Nazaré, subia hesitantemente os quinze degraus do Templo de Jerusalém na direção do sumo-sacerdote. Alguns degraus abaixo, uma mulher vestida com seda marrom estava reclinada. Ela segurava uma criança pequena; se menino ou menina, era impossível saber.

— Ela — anunciou Gabriel. — E a criança.

— Tem certeza? Precisam de muito trabalho.

Gabriel sorriu com tristeza, os olhos na tela.

— É o mínimo que posso fazer por eles.

Ele permaneceu na igreja até duas da tarde, mais do que pretendia. Naquela noite, ele e Chiara deixaram as crianças com os avós e jantaram sozinhos num restaurante do outro lado do Grande Canal, em San Polo. No dia seguinte, quinta-feira, ele levou os filhos a um passeio de gôndola de manhã e trabalhou no Tintoretto do meio-dia às cinco horas, quando Tiepolo trancou as portas da igreja pela noite.

Chiara decidiu preparar o jantar no apartamento. Depois, Gabriel supervisionou a batalha de corrida de todas as noites conhecida como hora do banho, antes de se retirar ao abrigo da *chupá* para resolver uma pequena crise em casa. Era quase uma da madrugada quando ele foi para a cama. Chiara lia um romance, sem prestar atenção à televisão, que estava no

mudo. Na tela, uma imagem ao vivo da Basílica de São Pedro. Gabriel aumentou o volume e ficou sabendo que um querido amigo tinha morrido.

Mais tarde, naquela manhã, o corpo de Sua Santidade, o papa Paulo VII, foi levado à Sala Clementina, no segundo andar do Palácio Apostólico. Permaneceu lá até o início da tarde seguinte, quando foi transferido em procissão solene à Basílica de São Pedro para observação pública. Quatro Guardas Suíços protegiam o pontífice morto, alabardas a postos. A imprensa do Vaticano fez alarde do fato de que o arcebispo Luigi Donati, assessor mais próximo e confidente do Santo Padre, poucas vezes saía do lado de seu mestre.

A tradição da Igreja ditava que o funeral e o enterro de um papa ocorressem de quatro a seis dias após sua morte. O cardeal camerlengo Domenico Albanese anunciou que o conclave se reuniria dez dias depois disso. Os *vaticanisti* estavam prevendo uma competição dura e polêmica entre reformistas e conservadores. As apostas estavam no cardeal José Maria Navarro, que usara sua posição como guardião da doutrina para construir uma base de poder dentro do Colégio Cardinalício que rivalizava até com a do papa morto.

Em Veneza, onde Pietro Lucchesi reinara como patriarca, o prefeito declarou três dias de luto. Os sinos da cidade foram silenciados e houve uma missa com poucos presentes na Basílica de São Marcos. Fora isso, a vida seguiu seu curso normal. Uma pequena *acqua alta* inundou uma parte

de Santa Croce; um navio de cruzeiro colossal bateu num cais no Canal de Giudecca. Nos bares onde os locais se reuniam para tomar um café ou uma taça de *brandy* para se proteger do frio de outono, raramente se ouvia o nome do papa morto. Cínicos por natureza, poucos venezianos se davam ao trabalho de ir à missa regularmente, e menos ainda de viver de acordo com os ensinamentos dos homens do Vaticano. As igrejas de Veneza, as mais bonitas de toda a cristandade, eram lugares em que turistas estrangeiros iam para se maravilhar com a arte da Renascença.

Gabriel, porém, acompanhou os acontecimentos em Roma com um interesse mais do que passageiro. Na manhã do funeral do papa, ele chegou cedo à Igreja e trabalhou sem interrupção até 12h15, quando ouviu passos ocos ecoando na nave. Levantou sua lupa de cabeça e cuidadosamente abriu a lona que cobria sua plataforma. O general Cesare Ferrari, comandante da Divisão de Defesa do Patrimônio Cultural dos carabinieri, mais conhecida como Esquadrão da Arte, encarou-o de volta sem expressão.

Sem ser convidado, o general entrou atrás da lona e contemplou a enorme tela, banhada pela luz branca ofuscante de duas lâmpadas halógenas.

— Uma das melhores dele, não acha?

— Ele estava sob uma pressão enorme para se provar. Veronese tinha sido reconhecido publicamente como sucessor de Ticiano e o melhor pintor de Veneza. O pobre Tintoretto já não recebia o tipo de encomendas de antes.

— Esta era a paróquia dele.

— Não diga.

— Ele morava virando a esquina, na Fondamenta di Mori.

O general afastou de novo a lona e saiu para a nave.

— Tinha um Bellini nesta igreja. *Madonna e a criança*. Foi roubado em 1993. O Esquadrão da Arte está procurando desde então. — Ele olhou para Gabriel por cima do ombro. — Você não viu, por acaso?

Gabriel sorriu. Pouco antes de se tornar chefe do Escritório, ele recuperara o quadro roubado mais procurado do mundo, *Natividade com São Francisco e São Lourenço*, de Caravaggio. Tinha garantido que o Esquadrão da Arte recebesse todo o crédito. Por esse motivo, e por outros, o general

Ferrari concordara em fornecer segurança 24 horas para Gabriel e sua família durante as férias deles em Veneza.

— Você deveria estar relaxando — disse o general.

Gabriel baixou sua lupa de cabeça.

— E estou.

— Algum problema?

— Por motivos inexplicáveis, estou tendo um pouco de dificuldade em recriar a cor da vestimenta desta mulher.

— Eu estava falando da sua segurança.

— Parece que minha volta à Veneza passou despercebida.

— Não inteiramente. — O general olhou seu relógio de pulso. — Será que não consigo convencê-lo a fazer uma pausa para o almoço?

— Nunca almoço quando estou trabalhando.

— Sim, eu sei. — O general apagou uma das lâmpadas halógenas. — Eu lembro.

Tiepolo tinha dado uma chave da igreja a Gabriel. Observado pelo comandante do Esquadrão da Arte, ele ativou o alarme e trancou a porta. Juntos, caminharam até um bar a algumas portas da velha casa de Tintoretto. O funeral papal passava na televisão atrás do balcão.

— Caso esteja se perguntando — disse o general —, o arcebispo Donati queria que você fosse.

— Então por que não fui convidado?

— O camerlengo não quis nem ouvir falar disso.

— Albanese?

O general fez que sim.

— Aparentemente, ele nunca esteve confortável com a sua proximidade com Donati. Nem com o Santo Padre, aliás.

— Provavelmente, é melhor eu não estar lá. Só teria sido uma distração.

O general franziu o cenho.

— Eles deveriam tê-lo colocado num lugar de honra. Afinal, se não fosse você, o Santo Padre teria morrido no ataque terrorista ao Vaticano.

O barman, um jovem magricelo de 20 e poucos anos de camiseta preta, entregou dois cafés. O general colocou açúcar no dele. A mão que mexeu não tinha dois dedos. Ele os perdera numa carta-bomba quando era comandante da divisão de Nápoles dos carabinieri, infestada pela Camorra. A explosão também levara seu olho direito. A prótese ocular, com sua pupila imóvel, tinha deixado o general com um olhar frio, inabalável. Até Gabriel tendia a evitá-lo. Era como encarar os olhos de um Deus onisciente.

No momento, o olho estava voltado para a televisão, onde a câmera fazia uma panorâmica lenta por uma galeria de políticos, monarcas e celebridades globais sortidas. No fim, parou em Giuseppe Saviano.

— Pelo menos, ele não usou a braçadeira — murmurou o general.

— Não é um admirador dele?

— Saviano é um defensor apaixonado do orçamento do Esquadrão da Arte. Como resultado, nos damos muito bem.

— Os fascistas amam patrimônio cultural.

— Ele se considera populista, não fascista.

— Que alívio.

O sorriso breve de Ferrari não influenciava seu olho prostético.

— A ascensão de um homem como Saviano era inevitável. Nosso povo perdeu a fé em ideias fantasiosas como democracia liberal, União Europeia e a aliança ocidental. E por que não? Entre globalização e automação, a maioria dos jovens italianos não consegue começar uma carreira de fato. Se quiserem um emprego que pague bem, têm de ir para a Inglaterra. E se ficam aqui... — O general olhou de relance para o jovem atrás do bar. — Acabam servindo café aos turistas. — Ele baixou a voz. — Ou a oficiais de inteligência israelenses.

— Saviano não vai mudar nada disso.

— Provavelmente, não. Mas, apesar disso, projeta força e confiança.

— E competência?

— Desde que ele mantenha os imigrantes longe, seus apoiadores não ligam de ele não conseguir juntar lé com cré.

— E se houver uma crise? Uma crise real. Não inventada por um site de extrema direita.

— Tipo o quê?

— Pode ser outra crise financeira que acabe com o sistema bancário. — Gabriel hesitou. — Ou algo muito pior.

— O que pode ser pior do que minhas economias da vida inteira virarem fumaça?

— Que tal uma pandemia global? Uma nova cepa de influenza contra a qual nós, humanos, não tenhamos defesa natural.

— Uma peste?

— Não ria, Cesare. É só questão de tempo.

— E de onde vai vir essa sua peste?

— Vai pular de animais a humanos num lugar em que as condições sanitárias deixem a desejar. Um mercado atacadista chinês, por exemplo. Vai começar lentamente, um grupo de casos locais. Mas, como estamos tão interconectados, vai se espalhar pelo globo como um incêndio florestal. Turistas chineses vão trazê-la para a Europa Ocidental nos estágios iniciais do contágio, mesmo antes de o vírus ser identificado. Dentro de poucas semanas, metade da população da Itália estará infectada, talvez mais. E aí, o que acontecerá, Cesare?

— Me diga você.

— O país inteiro vai precisar entrar em quarentena para evitar que se espalhe mais. Os hospitais vão ficar tão sobrecarregados que só poderão aceitar os mais jovens e saudáveis. Centenas morrerão todos os dias, talvez milhares. Os militares terão de recorrer a cremações em massa para evitar mais contágios. Vai ser...

— Um holocausto.

Gabriel assentiu lentamente.

— E como imagina que um semianalfabeto como Saviano vai reagir nessas condições? Vai ouvir especialistas médicos ou achar que sabe mais que eles? Vai contar a verdade ao povo ou prometer que uma vacina e tratamentos salvadores de vida estão prestes a chegar?

— Vai culpar os chineses e os imigrantes, e sair dessa mais forte do que nunca. — Ferrari olhou sério para Gabriel. — Tem algo que você não está me contando?

— Qualquer um com meio cérebro sabe que estamos há tempos esperando algo na escala da Grande Gripe, de 1918. Eu disse ao meu primeiro-ministro que, de todas as ameaças a Israel, uma pandemia é de longe a pior.

— Sou grato por minha única responsabilidade ser achar quadros roubados. — O general olhou para a televisão quando a câmera fez uma panorâmica por um mar de vestimentas vermelhas. — O próximo pontífice está aí.

— Dizem que vai ser o cardeal Navarro.

— É o boato.

— Você tem alguma informação interna?

O general Ferrari respondeu como se falasse com uma sala cheia de repórteres.

— Os carabinieri não monitoram o processo de sucessão papal. As outras agências de segurança e inteligência italianas também não.

— Poupe-me.

O general riu baixinho.

— E você?

— A identidade do próximo papa não é problema do estado de Israel.

— Agora, é.

— Do que está falando?

— Vou deixar que *ele* explique. — O general Ferrari fez um aceno de cabeça na direção da televisão, onde a câmera tinha encontrado o arcebispo Luigi Donati, secretário particular de Sua Santidade, o papa Paulo VII. — Ele estava querendo saber se você teria um ou dois minutinhos para conversar.

— Por que ele não me ligou?

— Não é algo que queira discutir pelo telefone.

— Ele contou a você o que era?

O general fez que não.

— Só disse que era uma questão da maior importância. Ele esperava que você estivesse livre para almoçar amanhã.

— Onde?

— Roma.

Gabriel não respondeu.

— É só a uma hora de avião. Você vai estar de volta a Veneza a tempo do jantar.

— Vou mesmo?

— A julgar pelo tom de voz do arcebispo, duvido muito. Ele vai esperá-lo à uma da tarde no Piperno. Diz que você conhece.

— Soa distantemente familiar.

— Ele quer que você vá sozinho. E não se preocupe com sua esposa e seus filhos. Vou cuidar muito bem deles durante sua ausência.

— Ausência? — Não era a palavra que Gabriel teria escolhido para descrever uma excursão de um dia à Cidade Eterna.

O general estava olhando de novo para a televisão.

— Veja todos aqueles príncipes da Igreja, de robe vermelho.

— A cor simboliza o sangue de Cristo.

O olho saudável de Ferrari piscou em surpresa.

— Como diabos você sabe disso?

— Passei a maior parte da minha vida restaurando arte cristã. Dá para dizer que sei mais sobre a história e os ensinamentos da Igreja do que a maioria dos católicos.

— Incluindo eu. — O olhar do general voltou à tela. — Quem você acha que vai ser?

— Dizem que Navarro já está encomendendo móveis para o *appartamento*.

— Sim — respondeu o general, assentindo, pensativo. — É o que dizem.

— **P**or favor, diga que está brincando.

— Acredite, a ideia não foi minha.

— Você sabe quanto tempo e esforço despendi para organizar esta viagem? Precisei me encontrar com o primeiro-ministro, pelo amor de Deus.

— E, por isso — disse Gabriel, solenemente —, sinto profunda e eternamente.

Eles estavam sentados nos fundos de um pequeno restaurante em Murano. Gabriel esperara até terminarem os pratos principais antes de contar a Chiara seus planos de viajar a Roma pela manhã. Sem dúvida, seus motivos eram egoístas. O restaurante, especializado em peixes, era um de seus favoritos em Veneza.

— É só um dia, Chiara.

— Nem você acredita nisso.

— Não mesmo, mas valeu a pena tentar.

Chiara levou a taça de vinho aos lábios. O finzinho de seu *pinot grigio* brilhava com a chama pálida da luz de velas refletida.

— Por que você não foi convidado para o funeral?

— Aparentemente, o cardeal Albanese não conseguiu encontrar um lugar vazio para mim em toda a Praça de São Pedro.

— Foi ele que achou o corpo, não foi?

— Na capela privada — disse Gabriel.

— Acha mesmo que foi assim?

— Está sugerindo que a Sala de Imprensa do Vaticano pode ter emitido um *bollettino* impreciso?

— Você e Luigi colaboraram em alguns anúncios enganosos ao longo dos anos.

— Mas nossos motivos sempre foram puros.

Chiara colocou a taça de vinho na toalha de mesa branca como osso e a girou lentamente.

— Por que acha que ele quer ver você?

— Não pode ser algo bom.

— O que disse o General Ferrari?

— O mínimo possível.

— Não é muito característico dele.

— Talvez tenha mencionado que tinha algo a ver com a seleção do próximo Sumo Pontífice da Igreja Católica Romana.

A taça de vinho ficou imóvel.

— O conclave?

— Ele não especificou.

Gabriel tocou em seu telefone para acendê-lo e verificou o horário. Tinha sido forçado, enfim, a separar-se de seu amado BlackBerry Key2. Seu novo aparelho era um Solaris de fabricação israelense, customizado segundo suas especificações únicas. Maior e mais pesado do que um smartphone típico, ele tinha sido construído para aguentar ataques remotos dos hackers mais sofisticados do mundo, incluindo a NSA americana e a Unidade 8200 israelense. Todos os oficiais sêniores de Gabriel usavam o modelo, assim como Chiara. Ela estava em seu segundo. Raphael tinha jogado o primeiro Solaris dela pela varanda do apartamento deles em Jerusalém. O aparelho, por mais inviolável que fosse, não era feito para sobreviver a uma queda de três andares e uma colisão com uma calçada de calcário.

— Está tarde — disse ele. — É melhor irmos resgatar seus pais.

— Não precisamos ter pressa. Eles amam ficar com as crianças. Se dependesse deles, a gente nunca iria embora de Veneza.

— O Boulevard Rei Saul talvez notasse minha ausência.

— O primeiro-ministro também. — Ela ficou em silêncio por um momento. — Preciso admitir, não estou ansiosa para ir para casa. Gostei de ter você para mim.

— Só tenho mais dois anos de mandato.

— Dois anos e um mês. Não que eu esteja contando.

— Está sendo horrível?

Ela fez uma careta.

— Eu nunca quis fazer o papel de esposa reclamona. Você conhece esse tipo, não é, Gabriel? Essas mulheres são muito chatas.

— A gente sempre soube que ia ser difícil.

— Sim — respondeu ela, vagamente.

— Se você precisar de ajuda...

— Ajuda?

— Mais um par de mãos em casa.

Ela franziu o cenho.

— Consigo me virar bastante bem sozinha, obrigada. Sinto sua falta, só isso.

— Dois anos vão passar num piscar de olhos.

— E você promete que não vai deixar que eles te convençam a um segundo mandato?

— Sem chance.

O rosto dela se iluminou.

— Então, como planeja passar sua aposentadoria?

— Você faz parecer que eu devia começar a procurar uma casa de repouso.

— Você está envelhecendo, meu bem. — Ela deu um tapinha no dorso da mão dele, o que não fez com que ele se sentisse mais jovem. — E então? — perguntou ela.

— Planejo dedicar meus últimos anos neste mundo a fazer você feliz.

— Então, vai fazer o que eu quiser?

Ele a olhou com cuidado.

— Dentro do possível, é claro.

Ela baixou o olhar e puxou um fio solto na toalha de mesa.

— Tomei um café com Francesco ontem.

— Ele não mencionou.

— Pedi para ele não mencionar.

— Está explicado. E sobre o que falaram?

— Sobre o futuro.

— O que ele tem em mente?

— Uma parceria.

— Francesco e eu?

Chiara não respondeu.

— *Você?*

Ela fez que sim.

— Ele quer que eu venha trabalhar para ele. E, quando ele se aposentar daqui a alguns anos...

— O quê?

— A Restauração Tiepolo vai ser minha.

Gabriel lembrava das palavras ditas por Tiepolo parado em cima do túmulo de Tintoretto. *Hoje, você está de férias, mas um dia morrerá em Veneza...* Ele duvidava que esse plano tivesse sido inventado durante o café de ontem.

— Uma boa garota judia do gueto vai cuidar das igrejas e das *scuole* de Veneza? É o que você está dizendo?

— Impressionante, não?

— E o que eu vou fazer?

— Imagino que possa passar seus dias passeando pelas ruas de Veneza.

— Ou?

Ela abriu um sorriso lindo.

— Pode trabalhar para mim.

Dessa vez, foi Gabriel quem olhou para baixo. O telefone dele estava aceso com uma mensagem do Boulevard Rei Saul.

Ele virou a tela para a mesa.

— Pode ser polêmico, Chiara.

— Trabalhar para mim?

— Ir embora de Israel no minuto em que meu mandato acabar.

— Você pretende concorrer a um assento no Knesset?

Ele revirou os olhos.

— Escrever um livro sobre suas aventuras?

— Vou deixar essa tarefa para outra pessoa.

— Então?

Ele não respondeu.

— Se você ficar em Israel, vai ficar ao alcance fácil do Escritório. E se tiver uma crise, eles vão arrastá-lo de volta, como fizeram com Ari.

— Ari quis voltar. Eu sou diferente.

— É mesmo? Às vezes, não tenho tanta certeza. Aliás, você está cada dia mais parecido com ele.

— E as crianças? — questionou ele.

— Elas adoram Veneza.

— E a escola?

— Acredite se quiser, temos várias ótimas.

— Eles vão virar italianos.

Ela franziu o cenho.

— Que pena, não?

Gabriel expirou lentamente.

— Você já viu a contabilidade de Francesco?

— Vou dar um jeito nisso.

— Os verões aqui são sofríveis.

— Vamos para as montanhas ou velejar no mar Adriático. Faz anos que você não veleja, meu bem.

As objeções de Gabriel tinham acabado. Na verdade, ele achava uma ideia maravilhosa. No mínimo, manteria Chiara ocupada durante os dois últimos anos de seu mandato.

— Negócio fechado? — perguntou ela.

— Acredito que sim, desde que a negociação da minha remuneração seja boa, e ela vai ser exorbitante.

Ele fez sinal para o garçom, pedindo a conta. Chiara estava de novo puxando o fio solto na toalha de mesa.

— Tem uma coisa me incomodando — disse ela.

— Em pegar as crianças e se mudar para Veneza?

*image
not
available*

Gabriel seguiu as atualizações de Berlim até o trem entrar na estação ferroviária Roma Termini. Lá fora, o céu estava um azul-cerúleo e sem nuvens. Eles atravessaram cânions de terracota e terra de siena, mantendo-se nas ruas laterais e nos becos, onde era fácil avistar se alguém estivesse atrás deles. Gastando um tempo na Piazza Navona, eles concordaram que não estavam sendo seguidos.

O Ristorante Piperno ficava um pouco mais ao sul, num *campo* tranquilo perto do Tibre. Chiara entrou primeiro e foi levada por um garçom deslumbrado de paletó branco a uma mesa bem posicionada perto da janela. Gabriel, que chegou três minutos depois, ficou na parte externa à luz do sol de outono. Ele via os dedos de Chiara deslizando furiosamente no teclado de seu telefone. Tirou seu próprio aparelho do bolso do paletó e digitou: aconteceu alguma coisa?

A resposta de Chiara chegou alguns segundos depois.

Seu filho acabou de quebrar o vaso favorito da minha mãe.

Com certeza foi culpa do vaso, não dele.

Sua companhia de almoço chegou.

Gabriel viu um Fiat sedã gasto insinuando-se pelos paralelepípedos do minúsculo *campo*. Tinha uma placa comum de Roma, não aquelas com prefixo SCV, reservadas para carros do Vaticano. Um clérigo alto e bonito saiu do banco traseiro. Sua batina preta com mozeta tinha bordas vermelho-amaranto, a plumagem de um arcebispo. Sua chegada ao Ristorante Piperno provocou só um pouco menos de tumulto que a de Chiara

— Perdão — disse Luigi Donati ao sentar-se em frente a Gabriel. — Eu nunca devia ter concordado em falar com aquela repórter da *Vanity Fair*. Hoje em dia, não consigo ir a lugar algum em Roma sem ser reconhecido.

— Por que deu a entrevista?

— Ela deixou claro que ia escrever a reportagem com ou sem a minha cooperação.

— E você caiu?

— Ela prometeu que seria um perfil sério do homem que ajudou a Igreja a navegar por águas turbulentas. Não saiu como o prometido.

— Suponho que esteja se referindo à parte sobre sua aparência física.

— Não me diga que você leu.

*image
not
available*

Donati, então, descreveu a cena que encontrou quando o cardeal Albanese o levou ao quarto do papa. Gabriel imaginou como se a composição fosse pintada a óleo sobre tela pela mão de Caravaggio. O corpo de um pontífice morto esticado na cama, observado por um trio de prelados. No lado direito da tela, mal visíveis nas sombras, estavam os três laicos de confiança: o médico pessoal do papa, o chefe da pequena força policial do Vaticano e o comandante da Guarda Suíça Pontifícia. Gabriel nunca conhecera o *dottore* Gallo, mas conhecia Lorenzo Vitale e gostava dele. Alois Metzler era outra história.

O Caravaggio particular de Gabriel se dissolveu, como se apagado por solvente. Donati estava recontando a explicação de Albanese sobre ter encontrado e depois movido o corpo.

— Francamente, é a única parte plausível da história. Meu mestre era bem pequeno, e Albanese tem o corpo de um touro. — Donati ficou em silêncio por um momento. — Claro, há pelo menos uma outra explicação.

— Qual?

— Que Sua Santidade nunca tenha chegado à capela. Que tenha morrido em sua escrivaninha bebendo seu chá. Ele tinha sumido quando eu saí do quarto. O chá, digo. Alguém tirou a xícara e o pires enquanto eu rezava sobre o corpo de Lucchesi.

— Imagino que não tenha havido autópsia.

— O Vigário de Cristo...

— O corpo foi embalsamado?

— Infelizmente, sim. O corpo de Wojtyla ficou bastante acinzentado enquanto estava à mostra na basílica. E teve Pio XII. — Donati fez uma careta. — Um desastre. Albanese disse que não queria arriscar. Ou talvez estivesse só escondendo as pistas. Afinal, se um corpo é embalsamado, fica bem mais difícil achar rastros de algum veneno.

— Você realmente precisa parar de ver aquelas séries forenses na televisão, Luigi.

— Eu não *tenho* televisão.

Gabriel deixou um momento se passar.

— Pelo que me lembro, não há câmeras de segurança na *loggia* dos apartamentos privados.

*image
not
available*

excomunhão de um padre e teólogo alemão incômodo chamado Martinho Lutero. Também era o lugar de descanso final de boa parte da roupa suja da Igreja. No início do papado de Lucchesi, Gabriel tinha trabalhado com Donati e o Santo Padre para publicar documentos diplomáticos e outros relacionados à conduta do papa Pio XII durante a Segunda Guerra Mundial, quando seis milhões de judeus foram mortos sistematicamente, muitas vezes, por católicos apostólicos romanos, quase sem uma palavra de protesto da Santa Sé.

— Os Arquivos são considerados propriedade pessoal do papado — continuou Donati. — O que significa que um papa tem permissão para ver o que quiser. O mesmo não vale para o secretário particular dele. Aliás, eu nem sempre podia saber a natureza dos documentos que ele estava revisando.

— Onde ele fazia a leitura?

— Às vezes, o *prefetto* levava os documentos para os apartamentos papais. Mas se fossem sensíveis ou frágeis demais, o Santo Padre os revisava numa sala especial dentro dos Arquivos, com o *prefetto* logo do outro lado da porta. Talvez você tenha ouvido falar dele. Chama-se...

— Cardeal Domenico Albanese.

Donati fez que sim.

— Então, Albanese estava ciente de todos os documentos que passavam pelas mãos do Santo Padre?

— Não necessariamente. — Fumante inveterado, Donati tirou um cigarro de uma elegante caixa dourada e deu uma batidinha com ele na tampa antes de acendê-lo com um isqueiro também dourado. — Como deve se lembrar, Sua Santidade desenvolveu sérios problemas de insônia no fim de seu papado. Ele sempre ia para a cama no mesmo horário toda noite, em torno de 22h30, mas raramente ficava muito tempo lá. Às vezes, visitava os Arquivos Secretos para uma leitura noturna.

— Como ele acessava os documentos no meio da noite?

— Tinha uma fonte secreta. — O olhar de Donati se deteve em algo por cima do ombro de Gabriel. — Meu Deus, é a...

— É, sim.

— Por que ela não se senta com a gente?

— **O** que você acha? — perguntou Chiara.
— Acho que definitivamente eu conseguiria me acostumar a morar aqui de novo.

Eles estavam sentados no salão elegante da frente do Caffè Greco. Embaixo da pequena mesa redonda estavam várias sacolas de compras brilhantes, resultado de um passeio caro de fim de tarde pela Via Condotti. Eles tinham viajado de Veneza a Roma sem uma muda de roupas. Ambos precisavam de algo apropriado para usar no jantar no *palazzo* de Veronica Marchese.

— Eu estava falando de...

Gabriel a cortou com gentileza.

— Eu sei do que você estava falando.

— E?

— Tudo pode ser explicado muito facilmente.

Chiara claramente não estava convencida.

— Vamos começar com a ligação.

— Vamos.

— Por que Albanese esperou tanto para entrar em contato com Donati?

— Porque a morte do Santo Padre era o momento de Albanese nos holofotes, e ele não queria que Donati interferisse nem questionasse suas

*image
not
available*

Condotti. Como cantava para si mesma quando achava que não tinha alguém ouvindo.

Ele ligou a televisão. Estava na BBC. Incrivelmente, não havia vítimas fatais no ataque em Berlim, embora doze pessoas tivessem ficado feridas, quatro em estado grave. Axel Brünner, do Partido Nacional-Democrata, estava culpando as políticas pró-imigração da chanceler centrista da Alemanha pelo ataque. Neonazistas e outros extremistas variados de extrema direita estavam reunidos para um protesto à luz de tochas na cidade de Leipzig. A Bundespolizei estava preparada para uma noite de violência.

Gabriel mudou para a CNN. A principal correspondente de assuntos internacionais fazia uma transmissão ao vivo da Praça de São Pedro. Como seus concorrentes, não estava ciente de que uma carta endereçada ao diretor-geral do serviço secreto de inteligência de Israel tinha misteriosamente sumido do escritório do papa na noite de sua morte. Também não sabia que o guarda suíço que vigiava os apartamentos papais também estava desaparecido. Se o telefone de Niklaus Janson estivesse ligado transmitindo algum sinal, os guerreiros cibernéticos da Unidade 8200 o encontrariam, talvez antes do fim da noite.

Gabriel desligou a televisão quando Chiara entrou na sala de estar. Avaliou-a sem pressa — as pérolas, o vestido preto sem alças, os escarpins. Ela era uma obra de arte.

— E então? — perguntou ela, por fim.

— Você está... — Ele ficou sem palavras.

— Parecendo uma mãe de dois que engordou três quilos?

— Achei que você tinha dito dois.

— Acabei de sair da balança do banheiro. — Ela apontou para a porta do quarto. — É todo seu.

Gabriel tomou banho e se vestiu rápido. Na rua, entraram no banco de trás de um carro da embaixada que os aguardava. Enquanto aceleravam pela Via Veneto, o telefone dele vibrou com uma mensagem do Boulevard Rei Saul.

— O que foi?

— A unidade acabou de derrubar a primeira barreira da rede de computadores da Guarda Suíça. Estão buscando o arquivo pessoal e as

Vaticano.

— Só estou usando meu quarto aqui como escritório até o início do conclave.

— Com alguma sorte — disse Richter, em voz baixa —, não vai precisar ficar muito tempo.

— A mídia está prevendo uma batalha de titãs entre os reformadores e os reacionários.

— Está, é?

— Sete cédulas, parece ser o consenso geral.

Uma freira de hábito azul ofereceu uma taça de vinho a Richter. Recusando, ele seguiu Albanese até os elevadores. Quase conseguia sentir os olhos na sala perfurando suas costas enquanto esperavam o elevador chegar. Quando finalmente chegou, Albanese apertou o botão do quarto andar. Misericordiosamente, a porta se fechou antes de o tagarela Lopes, do Rio de Janeiro, conseguir se enfiar lá dentro.

O bispo Richter fez vários ajustes desnecessários a sua batina de bordas roxas enquanto o elevador subia lentamente. Feita à mão por um alfaiate exclusivo em Zurique, ela o vestia perfeitamente. Aos 74 anos, ele continuava fisicamente imponente, alto e de ombros largos, com um cabelo acinzentado e um semblante impassível para combinar.

Ele olhou para o reflexo do cardeal Albanese na porta do elevador.

— O que está no menu hoje, Eminência?

— O que quer que nos servirem vai estar passado demais. — Albanese sorriu sem graciosidade. Mesmo com sua batina com bordas vermelhas, ele parecia um dos empregados. — Considere-se com sorte de não precisar participar de fato do conclave.

Na nomenclatura da Igreja Católica Romana, a Ordem de Santa Helena era um prelado pessoal — uma diocese global sem fronteiras. Como general-superior da Ordem, Richter tinha a hierarquia de bispo. Apesar disso, estava entre os homens mais poderosos da Igreja. Várias dezenas de cardeais, todos membros secretos da Ordem, eram obrigados a obedecer aos seus comandos, incluindo o cardeal Domenico Albanese.

A porta do elevador se abriu. Albanese levou o bispo Richter por um longo corredor. O quarto em que entraram estava escuro. Albanese

O *palazzo*, muitas vezes, era confundido com uma embaixada ou um ministério de governo, pois contava com uma cerca de aço formidável e uma série de câmeras de segurança apontadas para o exterior. Uma fonte barroca esguichava no pátio de entrada, mas a estátua romana de Plutão, de 2 mil anos de idade, que antes adornava o hall de entrada, estava ausente. Em seu lugar, encontrava-se a dra. Veronica Marchese, diretora do Museu Nacional Etrusco da Itália. Ela vestia um terninho preto deslumbrante e uma gargantilha dourada grossa. Seu cabelo escuro estava penteado para trás e preso por uma presilha na altura da nuca. Os óculos em formato de gatinho lhe davam um ar levemente acadêmico.

Sorrindo, ela cumprimentou Chiara com dois beijos. A Gabriel, ofereceu apenas a mão, cautelosa.

— Diretor Allon. Fico muito feliz que tenha conseguido vir. Só sinto muito por não termos feito isso há mais tempo.

Com o gelo quebrado, ela os levou por uma galeria cheia de quadros de Velhos Mestres italianos, todos com qualidade de museu. As obras eram apenas uma pequena parte do acervo de seu falecido marido.

— Como pode ver, fiz algumas mudanças desde sua última visita.

— Limpeza anual? — perguntou Gabriel.

Ela riu.

*image
not
available*

— Boatos — respondeu ela.

— Que tipo de boatos?

— Sobre um guarda suíço jovem e bonito que foi visto numa boate gay com um padre da cúria. Quando contei ao arcebispo, ele me avisou que alegações não comprovadas podem causar um mal irreparável à reputação de alguém e me aconselhou a não utilizá-las.

— O arcebispo sabe bem — comentou Gabriel. — Mas é de se perguntar por que ele não mencionou nada disso no almoço hoje à tarde.

— Talvez não achasse que era relevante.

— Ou talvez achasse que eu ia relutar em ajudá-lo se achasse que ia me envolver em um escândalo sexual do Vaticano.

O telefone de Gabriel vibrou contra seu coração. Era uma mensagem do Boulevard Rei Saul.

— Algo errado? — perguntou Donati.

— Parece que o arquivo de Janson foi deletado da rede de computadores da Guarda Suíça algumas horas depois da morte do Santo Padre. — Gabriel trocou um olhar com Chiara, que suprimiu um sorriso. — Meus colegas da Unidade 8200 estão agora buscando no backup do sistema.

— Vão achar algo?

— Arquivos de computador são como pecados, Excelência.

— Como assim?

— Podem ser absolvidos, mas nunca desaparecem totalmente.

Eles jantaram no magnífico terraço do *palazzo*, sob aquecedores a gás que esquentavam o frio da noite. Foi uma refeição romana tradicional, ravióli de espinafre com manteiga e sálvia, seguido por vitela assada e vegetais frescos. A conversa fluiu tão fácil quanto as três garrafas de Brunello clássico que Veronica trouxera da adega de Carlo. Donati parecia perfeitamente confortável com sua armadura clerical preta, com a mulher ao seu lado direito e as luzes de Roma brilhando suavemente atrás dele. Podia ser uma cidade quebrada e nojenta e irremediavelmente corrupta, mas, vista do terraço de Veronica Marchese, com o ar limpo e fresco e com aroma de comida, Gabriel achou a mais bonita do mundo.

Eles dirigiram-se para o norte pelo Lungotevere, até a Piazza del Popolo, depois ao sul, até a Piazza Venezia. Mesmo para os padrões de Roma, foi um trajeto de arrepiar. Donati, veterano de incontáveis comboios papais, ficou maravilhado com a habilidade com que seu velho amigo lidava com o poderoso carro alemão e com a aparente calma com que Chiara ocasionalmente oferecia instruções ou conselhos. A rota deles foi indireta e cheia de paradas repentinas e viradas abruptas, todas pensadas para revelar a presença de vigilância motorizada. Numa cidade como Roma, onde motos eram um meio de transporte comum, era uma tarefa difícil. Donati tentou ajudar, mas, depois de um tempo, desistiu e observou os prédios grafitados e as montanhas de lixo não coletado passando por sua janela. Veronica tinha razão. Roma era linda, mas nojenta.

Quando chegaram a Ostiense, um bairro operário caótico no Municipio VIII, Gabriel pareceu convencido de não estarem sendo seguidos. Encaminhou-se para a A90, rodovia orbital de Roma, e dirigiu-se para o norte, até a Autostrada E35, uma estrada pedagiada que percorria toda a Itália até a fronteira com a Suíça.

Donati aliviou o aperto no descanso de braço.

— Será que dá para me dizer para onde estamos indo?

Gabriel apontou para uma placa azul e branca ao lado da estrada.

Donati se permitiu um breve sorriso. Fazia muito tempo desde que estivera em Florença.

A Unidade 8200 tinha localizado o telefone na rede celular de Florença pouco antes das cinco daquela manhã. Estava a norte do Arno, em San Marco, o bairro da cidade em que os Medici, dinastia bancária que transformou Florença no coração artístico e intelectual da Europa, abrigava seu zoológico de girafas, elefantes e leões. Até o momento, a unidade não tinha conseguido acessar o aparelho e controlar seu sistema operacional. Estava apenas monitorando a posição aproximada do telefone usando técnicas de geolocalização.

— Em linguagem de leigos, por favor? — perguntou Donati.

*image
not
available*

Chiara e Donati esperavam na Via Ricasoli, protegidos pelo fluxo de visitantes saindo da Galleria dell'Accademia. Sem aviso, ela jogou os braços ao redor do pescoço de Donati e o puxou para perto.

— Isso é mesmo necessário?

— Não queremos que ele veja seu rosto. Pelo menos, não agora.

Ela abraçou Donati bem forte enquanto Niklaus Janson entrecortava as multidões e passava por eles sem olhar. Gabriel veio pela rua um momento depois.

— Querem me contar alguma coisa?

Donati se soltou e deliberadamente arrumou a jaqueta.

— Devo ligar para ele agora?

— Primeiro, nós o seguimos. Depois, ligamos.

— Por que esperar?

— Porque precisamos saber se tem mais alguém o seguindo.

— O que acontece se você vir alguém?

— Vamos torcer para que não chegue a isso.

Gabriel e Donati saíram pela rua, seguidos por Chiara. Diante deles estava o Campanile di Giotto. Janson se imiscuiu no mar de turistas na Piazza del Duomo e desapareceu de vista. Quando Gabriel finalmente o viu

*image
not
available*

— Boa noite, Niklaus. Reconhece minha voz?
— Donati clicou no ícone de viva-voz na tela do Nokia a tempo de Gabriel ouvir a resposta assustada de Janson.

— Excelência?

— Sim.

— Onde está?

— Eu estava me perguntando o mesmo sobre você.

Não houve resposta do jovem do lado oposto da ponte.

— Preciso falar com você, Niklaus.

— Sobre o quê?

— A noite em que o Santo Padre morreu.

Mais uma vez, não houve resposta.

— Ainda está aí, Niklaus?

— Sim, Excelência.

— Diga-me onde está. Preciso vê-lo imediatamente, com urgência.

— Estou na Suíça.

— Não é de seu feitio mentir para um arcebispo.

— Não estou mentindo.

— Você não está na Suíça. Está parado no meio da Ponte Vecchio, em Florença.

*image
not
available*

Eles voltaram a Veneza, pegaram duas crianças dormindo de uma casa num gueto antigo e as levaram para o outro lado da única ponte de ferro da cidade, para um apartamento no Rio della Misericordia. Lá, passaram uma noite insone, com Donati no quarto extra. No café da manhã, ele mal conseguia tirar os olhos de Raphael, incrivelmente parecido com o pai famoso. O menino tinha até sido amaldiçoado pelos olhos anormalmente verdes de Gabriel. Irene se parecia com a mãe de Gabriel, principalmente quando estava irritada com ele.

— Vai ser só um dia ou dois — garantiu ele à menina.

— É o que você sempre diz, Abba.

Eles se despediram no térreo, na Fondamenta dei Ormesini. O último beijo de Chiara foi decoroso.

— Tente não ser morto — sussurrou ela no ouvido de Gabriel. — Seus filhos precisam de você. E eu também.

Gabriel e Donati se acomodaram no compartimento de assentos da popa de um *motoscafo* à espera e cruzaram as águas cinza-esverdeadas da lagoa até o Aeroporto Marco Polo. No terminal lotado, os passageiros estavam reunidos em frente a monitores de televisão. Outra bomba explodira na Alemanha. Dessa vez, o alvo era um mercado na cidade de Hamburgo, ao norte. Uma reivindicação de responsabilidade aparecera nas redes sociais,

*image
not
available*

CAFÉ DU GOTHARD, FRIBURGO

Ela pôs uma mecha solta de cabelo loiro atrás da orelha e olhou para Donati por cima de um bloco de tirar pedidos. Os olhos dela eram da cor de um lago alpino no verão. O resto do rosto combinava com a beleza deles. As maçãs do rosto eram fartas, a mandíbula, bem definida, o queixo, estreito, com uma leve depressão.

Ela havia se dirigido a Donati em francês. Ele respondeu no mesmo idioma:

— Uma taça de vinho, por favor.

Com a ponta da caneta, ela apontou para a seção do cardápio dedicada à seleção de vinhos. Eram praticamente de franceses e suíços. Donati escolheu um Chasselas.

— Algo para comer?

— Só o vinho por enquanto, obrigado.

Ela foi até o bar e checkou seu telefone enquanto um colega de camisa preta servia o vinho. A taça ficou na bandeja dela por um ou dois minutos antes de ela finalmente levar à mesa de Donati.

— Você não é de Friburgo — observou ela.

— Como sabe?

— Da Itália?

— Roma.

*image
not
available*

Ao se aproximarem do vilarejo de St. Ursen, Stefani Hoffmann percebeu que estavam sendo seguidos.

— É só um associado meu — explicou Donati.

— Desde quando padres têm *associados*?

— É o homem que me ajudou a achar Niklaus em Florença.

— Achei que você tinha dito que veio a Friburgo sozinho.

— Eu não disse isso.

— Esse seu associado também é padre?

— Não.

— Inteligência do Vaticano?

Donati ficou tentado a informar a Stefani Hoffmann que não havia departamento da Santa Sé conhecido como *inteligência do Vaticano*; que era uma invenção de inimigos do catolicismo, que o verdadeiro aparato de reunião de informações do Vaticano era a própria Igreja, com sua rede global de paróquias, escolas, universidades, hospitais, organizações de caridade e núncios em capitais por todo o mundo. Ele a poupou do discurso, pelo menos, naquele momento. Ainda assim, ficou curioso sobre o motivo de tal pergunta. Aquilo podia esperar, decidiu, até seu *associado* se juntar a eles.

*image
not
available*

— Como você sabe?

Ele baixou o olhar para a porta verde-clara.

— Infelizmente, o livro já se foi, Excelência.

— Você sabe o que era?

— Isto vai dizer tudo o que precisa saber. — O padre entregou o envelope a Donati. A aba estava selada com fita adesiva transparente. — Não abra até sair dos muros do Vaticano.

— O que é? — questionou Donati.

O padre levantou o olhar para o teto de novo.

— É hora de ir embora, Excelência. Eles estão chegando.

Só então Gabriel conseguiu ouvir as vozes. Ele pegou o telefone de Donati e apagou a luz. A escuridão era absoluta.

— Sigam-me — sussurrou o padre Joshua. — Conheço o caminho.

Eles caminharam em fila indiana, o padre na frente, Gabriel atrás de Donati. Viraram à direita, depois à esquerda, e um momento depois estavam de volta à porta pela qual haviam entrado no depósito. Ela se abriu com o toque do padre Joshua. Ele levantou a mão em despedida e, mais uma vez, fundiu-se com a penumbra.

Entraram na escada e subiram os oito lances. O telefone de Gabriel tinha perdido a conexão com a Unidade 8200.

Quando ele discou de novo, Yuval Gershon atendeu instantaneamente.

— Eu estava ficando preocupado.

— Consegue nos ver?

— Agora, sim.

Gershon destrancou as últimas duas portas ao mesmo tempo. Lá fora, a luz clara do sol romano ofuscou os olhos deles. Donati deslizou o envelope para dentro de sua maleta e reposicionou a senha.

— Talvez eu devesse carregar isso — disse Gabriel, quando saíram na direção da Via Sant'Anna.

— Minha hierarquia é superior à sua, padre Benedetti.

— É verdade, Excelência. Mas sou eu que tenho a arma.

Foi nesse instante que as luzes no apartamento do cardeal Domenico Albanese voltaram. Pingando, ele tirou do gancho seu telefone interno do Vaticano e ouviu o agradável som da linha de chamada. O oficial de plantão na sala de controle dos Arquivos atendeu ao primeiro toque. A rede de computadores estava sendo reiniciada, e as câmeras de segurança e portas automáticas mais uma vez funcionavam normalmente.

— Há alguma evidência de invasão?

— Nenhuma, Eminência.

Aliviado, Albanese colocou o telefone suavemente no gancho e tirou um momento para apreciar a vista da janela de seu escritório particular. Não tinha a grandiosidade da vista dos apartamentos papais — ele não conseguia ver a Praça de São Pedro nem o domo da basílica —, mas lhe permitia monitorar as idas e vindas na Porta de Santa Ana.

No momento, a Via Sant'Anna estava deserta, exceto por um arcebispo alto e um padre mais baixinho com um terno clerical levemente mal ajustado. Estavam indo na direção do portão num passo de desfile militar.

O padre não portava nada, mas na mão direita do arcebispo havia uma bela maleta de couro. Albanese a reconheceu. Aliás, muitas vezes expressara admiração pela maleta. Reconheceu também o arcebispo.

Mas quem era o padre? Albanese só tinha um suspeito. Ele pegou o telefone e fez uma última ligação.

Católico devoto que ia diariamente à missa, o coronel Alois Metzler, comandante da Guarda Pontifícia Suíça, fazia o possível para evitar o escritório aos domingos. Mas como era o domingo anterior ao início de um conclave, uma empreitada das mais sagradas que seria observada por bilhões ao redor do mundo, ele estava em sua escrivaninha no quartel-general da Guarda Suíça quando o cardeal Albanese ligou. O camerlengo estava *molto agitato*. Num italiano frenético, em que Metzler era fluente, ainda que relutasse em falar, ele explicou que o arcebispo Luigi Donati e seu amigo Gabriel Allon tinham acabado de invadir os Arquivos Secretos e estavam, naquele momento, indo na direção da Porta de Santa Ana. Sob nenhuma

circunstância, gritou o cardeal, deveriam ter permissão de sair do território da Cidade do Vaticano.

Verdade seja dita, Metzler não estava a fim de se meter com tipos como Donati e seu amigo de Israel, que ele já tinha visto em ação mais de uma vez. Mas, como o trono de São Pedro estava vazio, não havia escolha além de obedecer a uma ordem direta do camerlengo.

Levantando-se, ele correu pelo quartel até o lobby, onde um oficial de plantão estava sentado atrás de uma escrivaninha em forma de meia-lua, de olho numa fileira de monitores de vídeo. Num deles, Metzler viu Donati marchando na direção da Porta de Santa Ana, com um padre a seu lado.

— Deus do céu — murmurou Metzler.

O *padre* era Allon.

Pela porta aberta do quartel, Metzler viu um jovem alabardeiro parado na Via Sant'Anna, mãos cruzadas nas costas. Gritou para a sentinela bloquear o portão, mas era tarde demais. Donati e Allon cruzaram a fronteira invisível num borrão negro e sumiram.

Metzler correu atrás deles. Agora, estavam caminhando rapidamente pela multidão de turistas na Via di Porta Angelica. Metzler chamou o nome de Donati. O arcebispo parou e virou-se. Allon continuou andando.

O sorriso de Donati o desarmou.

— O que foi, coronel Metzler?

— O cardeal Albanese acredita que você acaba de entrar nos Arquivos Secretos sem autorização.

— E como eu teria feito isso? Os Arquivos estão fechados hoje.

— O cardeal acredita que você teve ajuda de seu amigo.

— O padre Benedetti?

— Eu o vi no monitor, Excelência. Sei quem era.

— Está enganado, coronel Metzler. E o cardeal Albanese também. Agora, se me dá licença, estou atrasado para um compromisso.

Donati virou-se sem dizer outra palavra e foi na direção da Praça de São Pedro. Metzler falou para as costas dele:

— Seu passe do Vaticano não é mais válido, Excelência. De agora em diante, você para na Mesa de Autorização como todo mundo.

Donati levantou a mão em afirmação e continuou andando. Metzler voltou ao seu escritório e imediatamente ligou para Albanese.

O camerlengo estava *molto agitato*.

Gabriel estava esperando por Donati perto do fim da Colonata. Juntos, voltaram à Cúria Jesuíta. No andar de cima, em seu quarto, Donati tirou o envelope de sua maleta e abriu a aba. Dentro, entre duas folhas de filme transparente para proteção, havia uma única página de texto manuscrito. A margem esquerda da página estava limpa e inteira, mas a direita estava desgastada e puída. Os caracteres eram romanos. A língua era latim. As mãos de Donati tremiam quando ele leu.

EVANGELIUM SECUNDUM PILATI...

O Evangelho segundo Pôncio Pilatos.

Parte Dois



ECCE HOMO

Até o primeiro nome dele tinha se perdido nos anais do tempo — o nome pelo qual sua mãe e seu pai o chamaram no dia em que ele foi apresentado aos deuses e um amuleto dourado, uma *bulla*, fora pendurado em seu pequenino pescoço para afastar espíritos malignos. Mais para a frente em sua vida, ele teria respondido por seu cognome, o terceiro nome de um cidadão romano, marca hereditária usada para distinguir um braço da família dos outros. Ele tinha três sílabas, não duas, e não soava como a versão que o seguiria pelas eras até a infâmia.

O ano de seu nascimento é desconhecido, assim como o local. Uma escola de pensamento defende que ele era da Espanha governada pelos romanos — talvez Tarragona, na costa catalã, ou Sevilha, onde ainda hoje, perto da Plaza de Arguelles, há um elaborado palácio andaluz conhecido como Casa de Pilatos. Outra teoria, prevalente na Idade Média, imaginava que ele era filho ilegítimo de um rei alemão chamado Tyrus e uma concubina chamada Pila. Segundo a lenda, Pila não sabia o nome do homem que a engravidara, então, combinou o nome de seu pai com o seu e chamou o garoto de Pilatos.

O local de nascimento mais provável, porém, é Roma. Seus ancestrais provavelmente eram samnitas, uma tribo guerreira que habitava as montanhas rochosas ao sul da cidade. Seu segundo nome, Pôncio, sugeria

que ele era descendente dos Pontii, um clã que produziu várias figuras militares romanas importantes. Seu cognome, Pilatos, significava “habilidoso com uma lança”. Era possível que o próprio Pôncio Pilatos, com suas proezas militares, tenha merecido o nome. A explicação mais plausível é que ele fosse filho de um cavaleiro e membro da ordem equestre, a segunda camada da nobreza romana, logo abaixo da classe senatorial.

Se era esse o caso, ele deve ter desfrutado de uma criação romana confortável. A casa da família teria um átrio, um jardim colunado, água corrente e um banheiro particular. Haveria uma segunda habitação, uma *villa*, com vista para o mar. Ele viajaria pelas ruas de Roma não a pé, mas levado numa liteira por escravos. Ao contrário da maioria das crianças no início do primeiro milênio, não teria conhecido a fome. Não lhe teria faltado nada.

A educação seria rigorosa — várias horas de instrução por dia em leitura, escrita, matemática e, quando ele era mais velho, os pontos mais sutis do pensamento crítico e debate, habilidades que lhe serviriam bem mais para a frente. Ele teria cultivado seu físico com levantamento de pesos regular e se recuperado dos esforços com uma visita aos banhos. Como entretenimento, teria se deleitado com os espetáculos sanguinolentos dos jogos. É improvável que tenha chegado a ver o Anfiteatro Flaviano, o grande coliseu circular construído no vale entre os montes Célio, Esquilino e Palatino. O projeto foi financiado com os despojos do Templo em Jerusalém, que ele conhecia intimamente. Ele não testemunharia sua destruição no ano 70 d.C., embora certamente deva ter sabido que seus dias estavam contados.

A nova e rebelde província de Judeia ficava a cerca de 2.200 quilômetros de Roma, uma jornada de três semanas ou mais pelo mar. Pôncio Pilatos, após servir vários anos como oficial júnior do exército romano, chegou lá no ano de 26 d.C. Não era um posto cobiçado; a Síria, ao norte, e o Egito, ao sul, eram bem mais importantes. Mas o que faltava à Judeia em estatura, ela mais do que compensava em problemas potenciais. Sua população nativa se considerava escolhida por seu Deus e superior a seus ocupantes pagãos e politeístas. Jerusalém, a cidade sagrada, era o único lugar do Império em que habitantes locais não precisavam se prostrar diante de uma imagem do

imperador. Se Pilatos queria ser bem-sucedido, teria que lidar com cuidado com eles.

Ele sem dúvida tinha visto essas pessoas em Roma. Eram os habitantes barbados e circuncidados do Regio XIV, bairro abarrotado no lado oeste do Tibre que um dia ficaria conhecido como Trastevere. Havia talvez 4,5 milhões deles espalhados pelo Império. Tinham prosperado sob o governo romano, aproveitando a liberdade de comércio e movimento que o Império lhes dava. Em todo lugar em que se assentavam, eram ricos e muito admirados como povo temente a Deus que amava seus filhos, respeitava a vida humana e cuidava dos pobres, doentes, enviuvados e órfãos. Júlio César falava muito bem deles e lhes concedia importantes direitos de associação, o que lhes permitia idolatrar seu Deus, em vez do Deus de Roma.

Mas os que viviam nas ancestrais terras natais da Judeia, Samaria e Galileia eram menos cosmopolitas. Violentemente antirromanos, eles eram dilacerados por seitas, pelo menos 24, incluindo os puritanos essênios, que não reconheciam a autoridade do Templo. Um enorme complexo no topo do monte Moriá, em Jerusalém, era controlado por aristocratas saduceus que lucravam com sua associação à ocupação e trabalhavam de perto com o prefeito romano para garantir estabilidade.

Pilatos foi apenas o quinto nesse posto. Sua sede era em Cesareia, um enclave romano de mármore branco brilhante na costa mediterrânea. Havia um passeio público cheio de curvas à beira-mar, onde ele podia caminhar quando o clima estava bom, e templos romanos onde ele fazia sacrifícios aos seus deuses, não aos deles. Se tivesse vontade, Pilatos podia imaginar que nunca saía de sua terra.

Não era tarefa dele reformar os habitantes da província — eles um dia se tornariam conhecidos como judeus — à imagem de Roma. Pilatos era coletor de impostos, facilitador de comércio e autor de infinitos relatórios ao imperador Tibério, que selava com cera e marcava com o anel de selo que usava no último dedo de sua mão esquerda. Roma, no geral, não se envolvia em cada faceta da cultura e sociedade nas terras que ocupava. Suas leis hibernavam durante períodos de tranquilidade e acordavam só quando havia uma ameaça à ordem.

Agitadores costumavam receber um aviso. E se fossem tolos o bastante para persistir, eram eliminados de forma ágil e brutal. O predecessor de Pilatos, Valério Grato, certa vez despachou duzentos judeus simultaneamente com o método preferido de execução em Roma: morte na cruz. Após uma revolta no ano 4 a.C., dois mil foram crucificados nos arredores de Jerusalém. A fé deles em um só Deus era tão poderosa que eles iam para a cruz sem medo.

Como prefeito, Pilatos era magistrado-chefe da Judeia, seu juiz e júri. Apesar disso, os judeus cuidavam de boa parte da administração civil e das forças de segurança da província por meio do Sinédrio, tribunal rabínico que se reunia diariamente — exceto em feriados religiosos e no Sabbath — no Salão das Pedras Talhadas, no lado norte do complexo do Templo. Pilatos tinha ordens do imperador Tibério de conceder aos judeus ampla liberdade para cuidar de suas próprias questões, especialmente no que dizia respeito à religião. Ele deveria permanecer nos bastidores sempre que possível, a mão escondida, o homem invisível de Roma.

Mas Pilatos, que tinha pavio curto e era vingativo, logo desenvolveu uma reputação de crueldade, roubo, incontáveis execuções e provocações desnecessárias. Houve, por exemplo, a decisão de afixar estandartes militares com o rosto do imperador nas paredes da Fortaleza Antônia, que tinha vista para o próprio Templo. Previsivelmente, os judeus reagiram com fúria. Milhares cercaram o palácio de Pilatos em Cesareia, onde seguiu-se um embate de uma semana. Quando os judeus deixaram claro que estavam preparados para morrer caso suas exigências não fossem atendidas, Pilatos cedeu, e os estandartes foram removidos.

Havia ainda o aqueduto sem dúvida impressionante de Pilatos, financiado por ele, ao menos, em parte, com dinheiro sagrado, corbã, roubado do tesouro do Templo. Mais uma vez, ele foi confrontado por uma grande multidão, dessa vez no Grande Pavimento, a plataforma elevada em frente à Cidadela de Herodes, que servia como sede de Pilatos em Jerusalém. Esparramado impassivelmente em sua cadeira curul, Pilatos aguentou em silêncio os xingamentos por um tempo, antes de ordenar que seus soldados desembainhassem as espadas. Alguns dos judeus desarmados foram cortados em pedaços. Outros foram pisoteados na confusão.

Por fim, havia os escudos folheados a ouro dedicados a Tibério que ele pendurou em seus apartamentos em Jerusalém. Os judeus exigiram que os escudos fossem removidos. E quando Pilatos se recusou, eles despacharam uma carta de protesto a ninguém menos que o próprio imperador. Ela chegou a Tibério durante suas férias em Capri, ou foi o que alegou o filósofo Fílon de Alexandria. Espumando de raiva com a gafe desnecessária do prefeito, Tibério ordenou que Pilatos removesse sem demora os escudos.

Ele ia a Jerusalém o mínimo possível, em geral, para supervisionar a segurança durante festivais judaicos. O Pessach, celebração da libertação dos judeus do cativeiro no Egito, era cheio de implicações tanto religiosas quanto políticas. Centenas de milhares de judeus de todo o Império — em alguns casos, vilarejos inteiros — iam para a cidade. As ruas ficavam lotadas de peregrinos e talvez um quarto de milhão de ovelhas balindo e esperando o sacrifício ritual. À espreita nas sombras, estavam os sicários, fanáticos judeus que usavam capas, matavam soldados romanos com suas adagas distintas e desapareciam nas multidões.

No centro desse pandemônio, ficava o Templo. Soldados romanos guardavam as celebrações de suas guarnições na Fortaleza Antônia; Pilatos, de sua câmara privada esplêndida na Cidadela de Herodes. Qualquer vislumbre de caos — um desafio ao governo romano ou às autoridades colaborativas do Templo — seria resolvido com crueldade, para que a situação não saísse do controle. Uma faísca, um agitador, e Jerusalém podia entrar em erupção.

Foi nessa cidade volátil — talvez no ano 33 d.C., ou talvez tão cedo quanto 27 ou tão tarde quanto 36 — que veio um galileu, um curador, um milagreiro, um pregador de parábolas que avisou que o reino dos céus estava ao alcance das mãos. Ele chegou, como profetizado, em cima de um jumento. É possível que Pilatos já soubesse desse galileu e tenha testemunhado sua entrada tumultuosa em Jerusalém. Havia tantas figuras messiânicas na Judeia do século I, homens que se chamavam de “o ungido” e prometiam reconstruir o reino de Davi. Pilatos via esses pregadores como ameaça direta ao governo romano e os extinguiu sem dó. Invariavelmente, seus seguidores tinham o mesmo destino.

Historiadores discordam quanto à natureza do incidente que levou ao fim terreno do galileu. A maioria concorda que um crime foi cometido — talvez um ataque físico aos comerciantes de moeda no Pórtico Real, talvez um discurso verbal contra a elite do Templo. É possível que soldados romanos tenham testemunhado a perturbação e prendido o galileu na hora. Mas diz a tradição que ele foi preso por uma força composta por romanos e judeus no monte das Oliveiras após compartilhar uma refeição final de Pessach com seus discípulos.

O que aconteceu depois é ainda menos claro. Até os relatos tradicionais são cheios de contradições. Sugerem que, em algum momento após a meia-noite, o galileu foi levado à casa do sumo sacerdote, José Caifãs, onde foi sujeito a um brutal interrogatório por uma parte do Sinédrio. Historiadores contemporâneos, porém, duvidam dessa versão da história. Afinal, era tanto Pessach quanto véspera do Sabbath, e Jerusalém estava explodindo com judeus de todo o mundo conhecido. Caifãs, depois de um longo dia no Templo, provavelmente, não teria aprovado a intrusão no meio da noite. Além disso, o julgamento como foi descrito — conduzido ao ar livre, no pátio, à luz de uma fogueira — era estritamente proibido pelas leis de Moisés e, portanto, não pode ter acontecido.

De uma forma ou de outra, o galileu acabou nas mãos de Pôncio Pilatos, prefeito romano e magistrado-chefe da província. Diz a tradição que ele presidiu um tribunal público, mas não há registro sobrevivente desse procedimento. Um fato central, porém, é incontestável. O galileu foi morto por crucificação — método de execução romano reservado apenas para insurgentes —, possivelmente, bem em frente às muralhas da cidade, onde sua punição serviria de aviso. Pilatos talvez tenha testemunhado o sofrimento do homem de seus aposentos na Cidadela de Herodes. Mas, muito provavelmente, dada sua reputação temível, todo o episódio foi rapidamente esquecido, varrido por algum problema novo. Pilatos, afinal, era um homem ocupado.

Por outro lado, o prefeito também pode ter carregado uma memória do homem muito depois de ordenar sua execução, em especial durante os últimos anos de seu governo na Judeia, quando seguidores do galileu, que se chamava Jesus de Nazaré, deram os primeiros passos hesitantes na criação

de uma nova fé. Traumatizados pelo que haviam testemunhado, eles se consolaram com relatos do ministério do galileu, relatos que acabariam sendo escritos em livros, panfletos preconizadores conhecidos como Evangelhos, que circulavam entre as primeiras comunidades de fiéis. E foi ali que o arcebispo Luigi Donati, em seu quarto na Cúria Jesuíta no Borgo Santo Spirito, em Roma, retomou o fio da meada.

Marcos, não Mateus, foi o primeiro. Foi escrito no grego coine coloquial entre 66 e 75 d.C., mais de trinta anos após a morte de Jesus, uma eternidade no mundo antigo. O evangelho circulou de forma anônima por vários anos antes de os Pais da Igreja o atribuírem a um companheiro do apóstolo Pedro, uma conclusão rejeitada pela maioria dos pesquisadores bíblicos contemporâneos, que defendem que a identidade do autor é desconhecida.

A plateia dele era uma comunidade de cristãos gentios vivendo em Roma, bem debaixo do chicote do imperador. É improvável que ele falasse a língua de Jesus ou seus discípulos, e, possivelmente, só tinha uma familiaridade passageira com a geografia e os costumes da terra em que se passava a história. Quando ele pegou sua caneta, quase todas as testemunhas em primeira mão tinham morrido ou sido mortas. Como fonte, usou uma tradição oral e talvez alguns fragmentos escritos. No capítulo quinze, um Pilatos sem culpa e benevolente é retratado como tendo aceitado as exigências de uma multidão romana de sentenciar Jesus à morte. As primeiras versões de Marcos terminavam abruptamente com a descoberta da tumba vazia de Jesus, um fim que muitos dos primeiros cristãos consideravam anticlimático e insatisfatório. Versões tardias traziam dois fins